

Sobre mediação semiótica: condições corporais da comunicação humana e mais-que-humana

Uma entrevista com Elizabeth Povinelli¹

Elizabeth A. Povinelli

Columbia University, Nova York, NY, EUA

Membro da Academia Australiana de Humanidades; Karrabing Film Collective

www.karrabing.info

E-mail: ep2122@columbia.edu.



Joana Plaza Pinto

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Pesquisadora Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-D, CNPq

E-mail: joplazapinto@ufg.br.

Resumo: Durante o primeiro semestre de 2022 na Columbia University, Joana Plaza Pinto frequentou dois cursos de pós-graduação de Elizabeth A. Povinelli, Professora da cadeira Franz Boas de Antropologia e de Estudos de Gênero, *Semiótica 2* e *Teoria Feminista*. Sob a influência desses cursos, esta entrevista é uma de suas múltiplas conversas em torno da relação entre gênero, intimidade e linguagem. Sobre a mediação semiótica, Povinelli falou da sua conexão com a Antropologia Linguística, a Psicanálise e a Semiótica peirceana, as condições corporais da comunicação humana e mais que humana, as forças subjetivantes das metapragmáticas das línguas, as condições semióticas do sujeito e a terra, e as conexões desses temas com as formas colonialistas racistas no Liberalismo.

Palavras-chave: Semiótica; Subjetividade; Metapragmática; Liberalismo.

Abstract: During the 2022 Spring semester at Columbia University, Joana Plaza Pinto attended two graduate courses of the Franz Boas Professor of Anthropology & Gender Studies Elizabeth A. Povinelli, *Semiotics 2* and *Feminist Theory*. Under these courses influence, this interview is one of their multiples conversations related to the relationship between

¹ Esta entrevista ocorreu na cidade de Nova York (EUA), em 25 de fevereiro de 2022.

gender, intimacy, and language. On semiotic mediation, Povinelli spoke on her connection with Linguistic Anthropology, Psychoanalysis and Peircean Semiotics, the bodily conditions of human and more-than-human communication, the subjectivation forces of the metapragmatics of languages, the semiotic conditions of the subject and the land, and the connections of these issues with racist colonialist forms in Liberalism.

Keywords: Semiotics; Subjectivity; Metapragmatics; Liberalism.

Resumen: Durante el primer semestre de 2022 en la Universidad de Columbia, Joana Plaza Pinto asistió a dos cursos de posgrado de la Profesora Franz Boas de Antropología y Estudios de Género Elizabeth A. Povinelli, *Semiótica 2* y *Teoría Feminista*. Bajo la influencia de estos cursos, esta entrevista es una de sus múltiples conversaciones relacionadas con la relación entre género, intimidad y lenguaje. Sobre la mediación semiótica, Povinelli habló sobre su vinculación con la Antropología Lingüística, el Psicoanálisis y la Semiótica peirceana, las condiciones corporales de la comunicación humana y más-que-humana, las fuerzas de subjetivación de la metapragmática de los lenguajes, las condiciones semióticas del sujeto y la tierra, y las conexiones de estos temas con formas colonialistas racistas en el Liberalismo.

Palabras llave: Semiótica; Subjetividad; Metapragmática; Liberalismo.

Submetido em 7 de julho de 2022

Aprovado em 3 de setembro de 2022

Publicado em 29 de setembro de 2022

Joana: Para começar, você poderia nos contar sobre sua trajetória na Antropologia Linguística? Você é bacharel em Filosofia e Matemática, é bem conhecida na área de Antropologia e de Estudos de Gênero, e também se considera uma teórica crítica e uma cineasta. Então, como a Antropologia Linguística se encaixa nesse panorama de campos e teorias?

Elizabeth: Entrei no St. John's College² em 1984. St. John's ainda era um ponto de encontro de artistas e hippies, por um lado, e este espaço realmente intenso e interessante onde os Hopi e os Navajo se engajaram na política intra nativo-americana e ambos em relação à Política dos colonos anglo-hispânicos. Então, era um espaço social e político superinteressante. O St. John's College estava situado acima da cidade, na beira de uma colina. É o programa dos "grandes livros" — o programa começa com os gregos, passa para o Iluminismo britânico e depois para as filosofias alemãs de Kant e Hegel. Recebi uma Bolsa da Fundação Thomas J. Watson depois de me formar e fui para a Austrália pela primeira vez. Conheci os homens e mulheres mais velhos — os pais e avós dos anciões Karrabing³. Eu ainda era uma filósofa. Mas quando meu ano de bolsa terminou, essas mulheres e homens mais velhos pediram que eu me tornasse uma antropóloga para ajudá-las com uma reivindicação de terra sobre o lugar onde moravam. Eu não tinha idéia do que era uma antropóloga. Mas entrei em Yale em 1986. Na época, a Antropologia de Yale tinha muitos linguistas excelentes: Keith Basso, Joe [Joseph] Errington e outras pessoas com orientação linguística como Harold Conklin e [Floyd] Lounsbury. Outro corpo docente focava em economia cultural e política. A maioria das minhas amigas e amigos estava, no entanto, em Literatura Inglesa e em Literatura Comparada, onde Derrida, De Man, Bakhtin, Desconstrução, Semiótica, Psicanálise eram nomes e formações teóricas dominantes. Minha formação em Filosofia me causou preconceito em relação à Linguística — o tipo de questões teóricas que eles estavam fazendo pareciam ser cruciais, questões de mediação de signos, o que um signo poderia fazer, esse tipo

² Em Santa Fé, Califórnia, EUA.

³ Comunidade indígena em Belyuen, na Península de Cox, no Território do Norte da Austrália.

de questão. Então, acabei cursando muitas aulas de Antropologia com Keith Basso e Joe Errington. Eu até fiz a prova de fonologia onde você tem que diferenciar os sons, mas na Antropologia isso não é grande coisa [Risos]. Então acho que não deveria ter ficado surpresa que, quando entrei pela primeira vez no mercado de trabalho, a Emory University⁴ me interpretou como uma antropóloga da linguagem.

Joana: Então, houve um momento em que a expressão te pegou.

Elizabeth: Bem, tivemos Antropologia Linguística em Yale. Nessa altura, eu sabia o que era Antropologia Linguística, mas não estava **dentro** [ênfase] da Antropologia Linguística. Eu estava em Antropologia Cultural. Yale tinha os quatro campos [da Antropologia]. Meu irmão mais novo também estava no departamento — em Antropologia Física. Então, eu fiquei tipo “o quê? Você quer que eu me candidate ao pós-doutorado em antropologia linguística?”. E o membro do corpo docente da Emory disse: “Sim, ouvimos que nosso pós-doutorado em Antropologia Linguística seria perfeito para isso”. Eu fiquei tipo “eu?”, e então pensei: “oh Deus, eu preciso de um emprego”. Então, eu disse “sim”. Então meu primeiro trabalho foi ministrar cursos sobre linguagem, cultura e poder e introdução à Antropologia Linguística. Eu tinha ouvido falar sobre o trabalho de Michael Silverstein pelo Errington. Embora, para ser honesta, não me lembro de quando comecei a pegar alguns trabalhos e ler. O que me atraiu foram os enquadramentos metapragmáticos que mediam o sentido dos eventos de fala. Outras interpretações culturais me pareciam tão sem graça. Como se a “cultura” estivesse “lá” como uma maçã na mesa. Eu pensei: “onde?” [Risos]. Estive em Emory por um ano. E então fui para a Universidade de Cornell. Eles também queriam que eu também ensinasse cursos sobre linguagem, e eu continuei ensinando meu curso sobre linguagem, cultura e poder. E depois de três anos, fui para a Universidade de Chicago. E Chicago

⁴ Em Atlanta, Geórgia, EUA.

estava cheia de pessoas que não estavam brincando. Elas eram academicamente insanas 24 horas por dia, 7 dias por semana. Achei que seria bom para mim ser pressionada a levar o lado acadêmico da minha vida tão a sério quanto levei minha vida com minhas colegas e meus colegas indígenas. Na época, eu entrava e fazia meu trabalho e era paga, para poder voltar para a Austrália e trabalhar em projetos que minhas colegas e meus colegas indígenas achavam importantes. Indo e voltando, o primeiro originalmente era apenas instrumental para o segundo. Eu não queria fazer do meu trabalho com minhas colegas e meus colegas indígenas um instrumento para o meu trabalho acadêmico, mas queria ver se poderia tornar a vida intelectual algo mais sério. Isso ocorre porque há uma parte do meu cérebro que realmente acha o pensamento diagramático muito divertido. Participei do Círculo Linguístico de Michigan-Chicago e dos vários seminários organizados pelo Centro de Estudos Transculturais.

Joana: Faz sentido para o seu trabalho de campo na Austrália ou não? Você começou pela demanda de indígenas para que você se tornasse uma antropóloga. Como essas coisas se conectam?

Elizabeth: Sim, minha vida acadêmica foi escrita por esses homens e mulheres, já falecidos e falecidas, que pediram que eu ajudasse. Parte do que achavam necessário era entender a multiplicidade linguística local. Alguns Karrabing fizeram uma conversa sobre a ideologia dessa multiplicidade para *Specimen*, que pode interessar a quem nos lê (<http://www.specimen.press/writers/karrabing/>). Em 1984, quando fui pela primeira vez a Belyuen, a língua franca era o crioulo, às vezes chamado inglês aborígine. As cerca de 20 mulheres mais velhas também falavam Emmiyengal, Marriammu e Batjemalh. Em 1989, sentávamos e fazíamos o que eles chamavam de língua-língua todos os dias – portanto, depois do meu primeiro livro. Mas principalmente estávamos falando em crioulo. Meu arquivo inclui centenas de horas de conversas que alguns Karrabing estão usando agora para aprendizado da língua. Eu diria que alguma vez dominei todas essas línguas – ou as falei fluentemente? Não. Mi-

nha fluência é em crioulo. Conheço Emmi mais do que o Batjemalh. As formas verbais são realmente interessantes — e foram originalmente passadas para o crioulo. Há muita posicionalidade nas raízes verbais básicas: em pé, sentado, movendo, emergindo, pendurado, empurrando, ação de direção, arrastando, manifestando, olhando. Portanto, atenção focal do ponto de vista verbal. Mas, na verdade, a maioria das pessoas fala crioulo. Eu adoro isso, adoro a língua e comunicamos a mesma coisa: levante-se, saia, desça, “Kakathe-nikarru”, “ele se levanta e vai!”. Ou vamos, as pessoas se levantam, vão. Então, há muita tradução direta. Nós pensamos nisso porque a língua é muito importante para a paisagem.

Joana: Sim, é por isso que estou perguntando. Vejo um pouco dessa discussão em seu trabalho, principalmente sobre as formas de eventos.

Elizabeth: Sim, “manifestar-se”, ou “mostrar-se”, como dizemos em crioulo, é terrivelmente importante nas relações humanas e mais-que-humanas que definem os mundos de Karrabing/Belyuen. Mas a forma verbal ganha sentido a partir de um conjunto de suposições compartilhadas ou divergentes sobre as condições que desencadeiam a diferença entre ver algo e ver que algo está lhe mostrando algo. O sentido visual indicado pelas diferentes perspectivas de ver e estar disponível para a visão está relacionado a uma compreensão mais ampla das condições corporais da comunicação humana e mais-que-humana. Por exemplo, é mais provável que a região totêmica se torne visível quando reconhece o “suor” de uma pessoa ou grupo. Ela também pode ouvir/sentir a diferença entre as línguas. A língua é considerada uma substância não equivalente ao olfato, mas não disjuntiva ao olfato. Em outras palavras, de uma perspectiva semiótica, a língua é subsumida na metapragmática ampla das relações humanas com a paisagem mais-que-humana. Essa ideologia semiótica está frequentemente em desacordo com a lei dos colonos. Por exemplo, nas reivindicações de terras das quais participei, os advogados costumam priorizar textos – narrativas totêmicas frequentemente cantadas – que especificam

explicitamente quem, o quê, onde e por que de sua enunciação: quem está cantando, por que está assinando, para quem e a respeito de que. Mas as tradições das canções do Karrabing/Belyuen eram maximamente contextuais e compostas para ter múltiplos significados. Uma música pode simplesmente dizer: “aqui estou, comendo ostras, pensando em você”. Alguns podem saber quem é a pessoa, onde estavam sentados, em quem estavam pensando. Mas com o tempo, esses elementos contextuais desaparecem na paisagem. Mas onde quer que sejam cantadas, elas desdobram sua teia metapragmática de relações sociais, a terra ouvindo coisas que talvez não possamos mais ouvir. Não são textos juridicamente probatórios. Eles não dizem quem está cantando. Eles não dizem para quem estão cantando. Muitas vezes eles são compostos de apenas uma forma verbal, uma forma de afeto e um dêitico. Discuti isso em “The Poetics of Ghosts”, no livro *The Cunning of Recognition* (POVINELLI, 2007), o que acontece com o conteúdo e a forma textual sob a pressão de regimes de reconhecimento baseados no Estado que exigem uma forma específica de evidência.

Joana : Como a Pragmática e a Psicanálise começam a fazer sentido nessa discussão?

Elizabeth: Como eu disse, quando eu estava na pós-graduação em Yale, a psicanálise era uma tendência teórica dominante na Literatura Comparada, na Desconstrução derridiana e de Man na Literatura Inglesa e na Linguística na Antropologia. Joe Errington, aluno de Michael Silverstein, estava nos apresentando a metapragmática. Keith Basso era um professor ótimo, maravilhoso e incrível. Então, tornou-se realmente interessante. Enquanto eu lia cada uma dessas tradições, eu as lia através das outras e contra outras formas de conceituar a mediação social – estruturalismo, marxismo estrutural. Tornei-me particularmente sensível à abstração da agência, por um lado, e à individualização da agência, por outro. Então, por mais que eu apreciasse Derrida, eu ouvia coisas que me faziam parar. Por exemplo, seu argumento de que “gêneros invagi-

nam uns aos outros”. Eu não me importava com a lógica sexual, parei na atribuição de agência a uma abstração – gêneros. Eu pensei, “não, **eles** [ênfase] não”. Ao usá-los, **nós** [ênfase] o fazemos. Não conscientemente. Mas eles trabalham através de nós no jogo da colateralidade do signo; eles dependem de nós, ou são nós, e nós eles, na dança da pressuposição e do acarretamento. Lembro-me de ter ficado particularmente impressionada com um dos artigos inéditos de Silverstein sobre dois estranhos se encontrando em uma sala⁵. É um de seus primeiros trabalhos sobre a diferença entre os textos denotacionais e os interacionais. A conversa (texto denotacional) é complementada por colunas de notas nas margens demonstrando como a indexicalidade ancora o significado do texto denotacional a um texto interacional. O que eles estão dizendo está apontando e pressupondo um espaço inteiramente diferente de posicionalidade social – antes que possamos começar essa conversa, eles não *estão* dizendo, precisamos nos situar em um enquadre de quem, o quê, onde e por que somos relacionais. O trabalho social está negociando o enquadre interacional, escondido por destroços denotacionais. Me deixou super paranoica quando ouvia outras pessoas - de repente eu estava atenta àquilo em que as pessoas estavam tentando me *transformar* para conversar comigo. Toda identidade e ordenamento social estão em risco se os enquadres metaindexicais – o texto interacional – forem desafiados, distorcidos, não reconhecidos, recusados. Ao ler Freud e Lacan e me conscientizar profundamente do quanto Derrida foi influenciado pela psicanálise, a razão para o afastamento de Foucault dela, e a refiguração dela por Deleuze, comecei a me perguntar como seria a psicanálise se nossa teoria da subjetividade fosse informada pela metapragmática ao invés do estruturalismo que informou a Escola Lacaniana, ou mesmo os impulsos desconstrutivos de Fanon, Irigaray e Derrida. Eu também estava curiosa sobre como os modelos antropológicos do sujeito precisariam mudar se informados pelo espírito da psicanálise. Os antropólogos da época tendiam a assumir um sujeito já formado linguisticamente

⁵ Povinelli está mencionando um rascunho e uma versão anterior do artigo publicado muitos anos depois em Silverstein (1997).

– e se concentravam principalmente em linguagens e discursos de emoções e não em elementos afetivos como o desejo. A teoria psicanalítica tendia a ser dividida por escolas com fidelidade quase fascista às bíblias dos pais fundadores. Comecei bem cedo a mapear um curso de pensamento que tentava entender os riscos de entrar em uma língua metapragmaticamente. E se ancorarmos o sujeito em um devir metaindexical? Publiquei recentemente um pequeno ensaio que evoca meu interesse de longa data em como a razão diagramática peirceana simultaneamente evoca e perturba a existência social – assim, como o raciocínio diagramático remete a um conhecimento interno do suporte semiótico da região da existência que literalmente dá forma a ela e a nós. Peirce descreveu o diagrama como “um representamen que é predominantemente um ícone de relações e é auxiliado por convenções. Os índices também são mais ou menos usados. Deve ser realizado sobre um sistema de representação perfeitamente consistente, fundado sobre uma ideia básica simples e facilmente inteligível” (PEIRCE, 1903). Ele também investigou a lógica experiencial da *racionalidade* quando na vizinhança de diagramas. Enquanto Peirce entendia o diagrama como um “ícone de um conjunto de objetos racionalmente relacionados”, o que ele queria dizer com “*racionalmente* relacionados” era que “há entre eles, não apenas uma daquelas relações que conhecemos por experiência, mas não sabemos como compreender, mas uma daquelas relações que qualquer um que raciocine deve ter um conhecimento íntimo.” (STJERNFELT, 2000, p. 363). Sentimos o diagrama interno – o *trotte-bébé* – que é o corpo que cada uma de nós introjeta já moldado pelos prazeres e disciplinas dos esquemas raciais e de gênero, bem como inúmeros outros modos de distribuição corporal. Esses diagramas estão em constante movimento à medida que procuram manter ou perturbar seu equilíbrio em relação a outros que fazem o mesmo – ou seja, o desdobramento em tempo real de textos denotacionais (diagramas) em relação a textos interacionais (a relacionalidade interna entre diagramas). A subjetividade é o acúmulo e a perturbação no jogo do desejo em direção ou afastamento desse equilíbrio radicalmente relacional.

Joana : Como essa forma de ver a mediação semiótica é importante para discutir o político?

Elizabeth: Isso traz à tona a diferença entre Semiótica e Linguística. Chicago foi uma potência da Antropologia **Linguística** [ênfase] e a origem da antropologia metapragmática. Poderíamos dizer que no cerne da inovação metapragmática estava a revolução peirceana na semiótica. Voltarei ao problema se isso é verdade para Peirce, mas para a Escola de Chicago, o humano foi pressuposto como sujeito da linguística e da semiótica. É claro que humanos emprestaram sua subjetividade da língua, como mostrou Benveniste. Mas apenas humanos tinham subjetividade porque só eles eram cognitivamente moldados de tal forma que eles e a língua podiam estar intimamente relacionados. Por um lado, fui atraída pelas ferramentas semióticas mais precisas oferecidas por uma abordagem metapragmática – eu estava cansada do uso excessivo de *significante* e *significado* na teoria crítica, o peso que eles eram forçados a suportar, sua qualidade anacrônica – e a localização de processo semiótico – sua localização no processo social imanente. Por outro lado, a redução da análise semiótica à semiose humana era insustentável para homens e mulheres indígenas que tão fundamentalmente determinaram meu pensamento e minha prática. Comecei a me perguntar quais pressupostos ontológicos fundamentavam várias abordagens semióticas. Quais poderiam estar em relação produtiva com meus entendimentos Karrabing/Belyuen de suas relações comunicativas/interpretativas com seus parentes mais-que-humanos. E não apenas com outro bioma, mas através da divisão de Vida e Não-Vida – a divisão sendo o efeito do que tenho chamado de geontopoder (POVINELLI, 2016). E, finalmente, comecei a pensar mais sobre como a semiótica poderia ser, já era, não uma teoria de verdade/referência, mas uma prática imanente – teorizou que a semiose é uma prática de devir mesmo quando o devir é sobre *continuidade* e a própria semiose uma prática *dentro* desse jogo de contínuo tornar-se. Tomemos como exemplo o enunciado de Rex Edmunds de que seu totem Mudi (peixe Barramundi) é o recife que fica no final de Mabaluk (POVI-

NELLI & EDMUNDS, 2019). O enunciado constitui uma relação de parentesco (totêmica) através da diferença (humana e mais-que-humana); uma relação de afeto e obrigação (cuidado) e recusa (contra aqueles que figuram o recife como na verdade uma ecologia sobre a qual foi colocada uma interpretação cultural); e uma intervenção nas múltiplas práticas possíveis que poderiam ocorrer em relação a ele e ao totem Mudi (mineração, herança, registro de sítio sagrado, pesquisa climática etc.). Além disso, Mudi-o-Recife sinaliza constantemente sua própria relação com tudo isso em termos de sua composição, posição relativa às marés e areias, capacidade de resposta à variação de temperatura. E, finalmente, mesmo a questão de onde/o que é o recife é uma prática de interpretação semioticamente mediada. Está no limite de sua composição de recife de rocha? Os peixes e outras entidades mais móveis que mordiscam e descansam em seus penhascos? As areias que se alojam sob ela ou cedem? E o que, quem, como está enviando signos interpretáveis para quem? Cada resposta a esses tipos de perguntas são práticas que potencialmente mantêm ou alteram a relação entre o corposigno materializado complexo Rex e o corposigno materializado complexo Mudi. Se eu digo, "Mudi é um ancestral", como "é o ancestral de Rex" e eu sou vinculada a Rex por causa apenas da descendência de cuidados de outros, então a mediação semiótica disso é uma prática diferente que manifestou um mundo diferente. Fico tão cansada da pergunta verdade/falso porque isso não é semiótica metapragmática. A metapragmática, para mim, não pergunta se é verdadeira ou falsa, ela pergunta o que você faz ao estabelecer essas relações de signo.

Joana: É por isso que o seu trabalho é sobre o político, certo?

Elizabeth: Sim. O propósito de desenvolver novas abordagens conceituais não é avançar o conhecimento – como se o conhecimento fosse um exército em marcha para a vitória – mas intervir em um ordenamento político da existência. Você pode ouvir, sentir o que está acontecendo e combatê-lo. Eu estava conversando com Linda Yarrowin, um membro de Karrabing, esta manhã. Ela

estava me contando sobre uma conversa que ela e as filhas de sua irmã, Angelina e Cecilia Lewis, estavam tendo com um político local. Eles estavam tentando explicar a ele como um *mirrh* local (um totem de concepção) produzia relações humanas com a região. Em vez da descendência dos corpos, um diagrama antropológico dominante de relacionalidade humana (parentesco e *descendência*), elas estavam descrevendo a ascensão da região dos corpos – a região autorizando a substância de corpos humanos. Essa ascensão de corpos está relacionada à descendência dos corpos, mas não apenas no sentido biológico. A descendência dos corpos é também sobre como, depois de nascerem da terra e através do processo biológico humano, elas retornam à terra fisicamente (corpos, roupas, suor). A terra se desdobra e redobra os humanos nela. De qualquer forma, o que Linda estava descrevendo era uma conversa em que a verdade foi transformada em mitologia/crença cultural – o político acreditando que ela e suas filhas acreditavam que acreditavam, mas não acreditavam nele mesmo. Descrevi um caso semelhante em “Do Rocks Listen?” (POVINELLI, 1995). Em vez de ser pega na armadilha da verdade abstrata – o que Linda disse era verdadeiro ou falso sobre as coisas do mundo – a ideia é se afastar dessa armadilha epistêmica ocidental e entender como as afirmações de verdade estão construindo ou destruindo o mundo. Se tratarmos esse lugar de *mirrh* como *mirrh* era, ele é mantido no lugar como uma constelação de seres internamente relacionados – para manter no lugar uma trajetória de contínuo tornar-se?

Joana: Eu estava pensando em como as ideologias liberais ou as mediações semióticas liberais estão tomando conta das outras mediações, moldando nossos modos de fazer mediação semiótica.

Elizabeth: Sim, exatamente. Karrabing/Belyuen é uma intersecção de múltiplas formas de mediação semiótica. Algumas pessoas estavam tentando moldar a trajetória das coisas em direção a um evangelismo cristão, e algumas pessoas tentando moldá-la para

manter essa densa obrigação ancestral. Algumas pessoas estão realmente interessadas em ciência e como isso pode se articular ou não com as paisagens ancestrais. Sexualidade, gênero e parentesco também estão em jogo – a diferença entre o que primos cruzados poderiam e podem fazer por causa de seu parentesco e o que isso significa dentro da estrutura da heteronormatividade. Então, o que quer que alguém pense pessoalmente sobre nossos filhos gays e trans, todos têm que ter uma relação com esse jogo emergente desses intérpretes de gênero. De novo com formas de linguagem. Há uma tensão entre aqueles e aquelas que tentam manter uma língua pura – não surpreendentemente, suponho, pessoas para quem as línguas indígenas não são sua primeira língua – e aqueles e aquelas que jogam. Eu amo o jogo. E está em todo lugar. Lembro-me de quando minha geração de netos afirmou usar a palavra *bopsy* para 'irmã'. Minha geração perguntava, "o que isso significa? De onde veio isso?" Eles responderam: "Vocês dizem 'mana' ou 'mele' para irmão e irmã. Dizemos 'bopsy'. A virada da nossa geração." Então, há apenas muito de jogo. A questão é como você pode manter formas cruciais de sociabilidade no lugar, mesmo quando as coisas mudam e enquanto você se envolve nessas grandes discussões sobre que mundo essas mediações semióticas estão criando e, portanto, o que nos tornaremos dentro delas. Psicanaliticamente, podemos dizer que essas lutas são sobre como nos tornamos formas de carne que têm relações particulares com lugares particulares, tipos particulares de manifestações ancestrais etc. Quem vai possuir as condições semióticas que fornecem a estrutura esquelética do ser, especialmente porque a própria ideia de posse está saturada de ideias liberais de propriedade e seu direito. Aileen Moreton-Robinson expõe as apostas dessa luta para constituir mundos em *The White Possessive* (2015). A mediação semiótica de todas as formas de existência por uma estrutura ocidental de propriedade – você está possuído, possuindo, possuível etc. – fornece um enquadre básico através do qual a existência se torna real, existência potencial se torna existência real reconhecível. Assim, o político está aqui – na superfície entre o potencialmente real e o real. Essa

crosta superficial, semioticamente complexa e concorrente entre potencial e real está em andamento – e em andamento dentro de formas discursivas reais. Tomemos, por exemplo, algo que aconteceu durante um projeto de construção de estradas que alguns de Karrabing empreenderam perto de Mabaluk. Alguns de nós vinham falando há anos e anos em abrir uma estrada de uma antiga trilha de mineração até uma região costeira, um trecho de cerca de vinte quilômetros. Este trecho da região é bastante remoto, a sete horas de carro de Darwin⁶ através de boas estradas e depois estradas de terra cada vez mais destruídas. Tínhamos planejado percorrer a estrada devagar e com firmeza, seção por seção, acampando ao longo do caminho. A área estava coberta de grama grossa e seca até a cintura e povoada por várias palmeiras e árvores. Começamos devagar e com firmeza. Mas depois do primeiro almoço, Rex Edmunds se cansou de ir devagar e com firmeza. Ele decidiu usar seu caminhão como um arado. Para ver para onde estávamos indo, todos começamos a acender fogueiras – uma forma tradicional de limpeza de terras. Mas quando a noite estava chegando, a caminhonete de Rex estava farta. O radiador estava queimado. Agora os incêndios estavam por toda parte. Quando meu caminhão parou atrás dele, a companheira de Rex, Cecilia Lewis, me perguntou: “Mãe, você sabe como fazer um aceiro?” Eu respondi: “Na verdade não”. Ela observou: “Nós vamos morrer”. E todos nós dissemos: “Hoje não”. Cecilia tem asma, então a colocamos no meu caminhão com o ar-condicionado ligado enquanto controlamos o fogo. Depois arrastamos o carro aleijado de volta pela mata em chamas até outro acampamento na praia. No dia seguinte, alguns de nós dirigiram as sete horas de volta a Darwin para pegar um novo radiador e algumas ferramentas. Depois de alguns dias, todos voltamos para Belyuen. O que encontramos foi um turbilhão de interpretantes, enquadramentos metapragmáticos, do que causou nossa pequena calamidade – e deixei de fora muitos detalhes. Uma interpretação dominante era “região envenenada”. Ninguém deveria voltar porque havia espíritos ancestrais perigosos tentando

⁶ Capital do Território Norte da Austrália.

nos matar. Outra interpretação era que não deveríamos fazer nada sem o equipamento adequado. Mas outro, o que acreditávamos era que, porque ninguém pôs os pés naquelas terras por centenas de anos, os ancestrais estavam com ciúmes, eles cantavam para Rex de tal maneira que ele não conseguia se impedir de tentar fazer o caminho para a costa em um dia. O ciúme é uma reação de todas as coisas, não apenas dos ancestrais a pessoas que não atendem a você. O ciúme é uma reação a ser abandonada, negligenciada. E todas as coisas estão predefinidas para serem ciumentas – para atacar assim que você voltar, para testar se você realmente se importa te punindo. O filme *Wutharr, Saltwater Dreaming*, de Karrabing, é explicitamente sobre isso. Se não voltássemos, os ancestrais nos entenderiam como não nos importando o suficiente e fechariam a terra para sempre – que estávamos dando desculpas, nos importando com outras coisas como nossos carros ou empregos ou qualquer outra coisa. Essa interpretação tornou-se dominante quando um dispositivo GPS que pensávamos não estar funcionando estava. Mostrava que estávamos a menos de um quilômetro da praia que estávamos buscando. Então, voltamos e terminamos a estrada, cantando para os ancestrais que estávamos de volta. Eles abriram a região e nós navegamos. Ao cuidar primeiro da região, pudemos também cuidar primeiro dos tipos de relações corporais possibilitadas dentro desse nexos humano-terra. Uma das maneiras pelas quais o Liberalismo desapropria as pessoas da terra é tornar os lugares entidades abstratas – *coisas* com as quais não se tem uma relação de parentesco interna. Glen Coulthard fala sobre isso em *Red Skin, White Masks* (2014). E o que estamos tentando fazer é manter modos semioticamente mediados de pertencimento afetivo entre humanos e lugares que surgem melhor quando o corpo humano se desdobra em relação a eles. Isso me leva de volta em que poderia consistir uma psicanálise metapragmática. Rex Edmunds descreve isso como colocar uma região dentro de uma criança antes que a criança saiba que está sendo formada. O corpo e suas âncoras semióticas e extensão, por assim dizer, estão *na terra*. Quando minha primeira bisneta nasceu, eu disse à mãe dela que queria dar

a ela o nome *de Kaingmerrhe* (Sol) – o sol da minha vida, mas também um lugar totêmico perto de Mabaluk. As mulheres mais velhas concordaram e *voilà*. Quando sua irmã teve meu segundo bisneta, nós a chamamos de *Penidjibhe* para o totem da estrela ao lado do totem do sol. Por termos feito o caminho para Mabaluk, essas duas crianças entraram na língua em relação à âncora semiótica entre elas e a paisagem. “Esta é você.” Uma forma lacaniana clássica de subjetividade, mas ancorada no espelho da paisagem ancestral. O passado ancestral e seu futuro fluindo através da identidade e identificação dos corpos formados como uma matriz relacional. E essas duas crianças e muitas outras agora são super, o que...

Joana : Envolvidas?

Elizabeth: Sim, Penidjibhe em particular, é bastante faladora. Quando ela tinha provavelmente dois ou três anos, ela estava nos contando como estávamos indo para Mabaluk, onde ela e suas irmãs estavam (irmãs das estrelas). A esperança é que será mais difícil intervir nas relações humanos e território se os corpos estiverem íntima e explicitamente relacionados internamente a ele. Porque no mundo semiótico mediado que estamos promovendo, se alguém quiser minerar em sua terra – digamos em ou novo *Star Dreaming* – então eles estão pedindo para cortar no seu corpo. Minha aposta é que se as pessoas trabalhassem ou retrabalhassem metapragmáticas ou ontologias semióticas, teríamos um imaginário político mais forte.

Joana : Concordo. Acho que devemos ouvir mais outras formas de pensar politicamente. É por isso que eu gosto muito do seu trabalho, é uma forma de ouvir politicamente. Mas é muito difícil pensar diferente.

Elizabeth: Sim, isso mesmo, é muito difícil pensar, é muito difícil mudar seu sistema esquelético, o que é realmente, e se realmente levarmos esse sistema a sério, concorda?

Joana: E estamos rodeados de pessoas, certo? Tivemos essa chuva forte no Brasil cerca de duas semanas atrás, e o deslizamento caiu em Petrópolis⁷...

Elizabeth: Sim, eu vi isso.

Joana : Foi terrível. Mais de 300 morreram, pelo que se sabe até agora, quer dizer, ainda não sabemos quantos realmente morreram. Mas agora a mídia brasileira fala apenas sobre a guerra na Ucrânia, a grande tragédia da chuva não é mais importante. É o único enquadre agora na mídia liberal.

Bete: Eu sei. Na vida cotidiana, fazemos Liberalismo. Se eu quiser comer aquela laranja, tenho que fazer o Liberalismo certo.

Joana : Sim, lendo as notícias, você faz o Liberalismo.

Elizabeth: Sim, então é muito difícil pensar diferente. Eu sempre disse: “Dizer ‘isso não’ é alguma coisa, mesmo que você não saiba o quê. Em Karrabing é difícil porque é simplesmente interminável. Como isso ainda continua? A palavra “sobreviver” é boa para isso. Como isso ainda persiste? É como um milagre, então nos concentramos nisso e continuamos. Mas somos bombardeados. Na base semiótica, no sentido robusto disso, as famílias têm bilhões de modos de pertencimento ao lugar umas com as outras, que são simplesmente recusados pela lei liberal. É tão estranho porque dizemos “bem, claro, você nasceu de”, e há esses lugares de condensação e eles mandam coisas. O suor é muito importante para nós, a hierarquia sensorial é muito diferente, então a língua é uma substância, o suor é uma substância. O suor é uma substância muito importante porque o cheiro é muito importante. Então, cheiro, som e, claro, a substância da língua. Quando saímos o tempo todo, colocando seu suor na região, mijando região, você está literalmente deixando seus restos para trás. Então você está comendo do mundo, e então ele está entrando em você. Às vezes, estamos em uma conversa, como

⁷ Em 15 de fevereiro de 2022, ocorreram enchentes e 775 deslizamentos de terra em Petrópolis, cidade localizada na Região Serrana no estado do Rio de Janeiro, Brasil.

quando estamos fazendo um filme e alguém faz uma pergunta, então alguém responde e a resposta é ótima e a pessoa apenas pergunta novamente, pedindo que digam: “você explica isso”; Eu digo: “Não consigo explicar melhor do que você”. Eu não entendo por que isso é tão difícil. Sim, porque o revezamento de respostas que mantém o Capitalismo Liberal no lugar seria deslocado se “a gente entendesse o que as pessoas estavam dizendo”. E não é apenas o Capitalismo, mas as pessoas, suas entranhas mais preciosas, quero dizer, quanto mais fundo você vai, sabemos que seu corpo é genérico, é um gênero [*genre*], seus pensamentos, sentimentos e expressões mais preciosos e pessoais.

Joana : Tenho uma última pergunta. Em seu último livro *Between Gaia and Ground* (POVINELLI, 2021), você fala sobre uma sintaxe comum. O que você quer dizer com “sintaxe comum”?

Elizabeth: Há algumas coisas. É uma sintaxe liberal de colonizador muito tardia, em que há uma hierarquia embutida, a relação entre os três primeiros axiomas e depois o quarto que recapitula uma forma liberal de pensamento ou sintaxe de pensamento. Honestamente, quando escrevi isso, estava pensando em uma sintaxe no sentido de uma posição em que as coisas têm que entrar para fazer sentido.

Joana : Uma sintagmática?

Elizabeth: Sim, eu estava pensando onde o nome tem que estar e então você pode bagunçar. Eu estava pensando uma sintagmática. Então, por exemplo, a primeira que você tem que estabelecer são as condições ontológicas. Então você diz como essas condições ontológicas são organizadas socialmente. Então você diz dentro desse mundo social, quais são as possibilidades políticas de manobra e de acontecimentos, certo? Então, primeiro, segundo, terceiro e depois. Mas também na teoria crítica, por causa da pressão muito forte e importante da crítica racial e da crítica decolonial ou anticolonial, você bate em cima disso e “as episte-

mologias e ontologias que surgiram na esteira da coisa não são apenas provincianas, mas a causa do colapso do mundo”, ou algo assim. E então eles simplesmente colocam isso em cima daquilo. Espere um minuto, não. O que acontece se você alterar a sintaxe?

Joana : Mudar a ordem, certo?

Elizabeth: Sim, a ordem. E se você mudar a ordem? O que aparece e o que desaparece? Como as questões ontológicas: por que isso importa? Onde fica isso? Se estamos realmente pensando nessa “ontologia” semiótica diferente, que é uma sedimentação realmente semiótica, então para mim não há uma ontologia, há sedimentação dentro dessas longas histórias, pelas mais recentes e impactantes histórias do Atlântico Negro e do Pacífico Indígena e da América Indígena, e a terraformação da Terra que está acontecendo, e a terraformação das relações sociais que aconteceram. Então, você não precisa de uma ontologia; você tem uma sedimentação. Isso ajuda?

Joana: Com certeza! Isso é muito importante. Grata, Beth, pelo seu tempo.

Referências

COULTHARD, Glen Sean. *Red Skin, White Masks: Rejecting the Colonial Politics of Recognition*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

MORETON-ROBINSON, Aileen. *The White Possessive: Property, Power, and Indigenous Sovereignty*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

PEIRCE, Charles S. *Logical Tracts*. No. 2. On Existential Graphs, Euler's Diagrams, and Logical Algebra. MS [R], 1903.

POVINELLI, Elizabeth A. *Between Gaia and Ground: Fours axioms of existence and the ancestral catastrophe of Late Liberalism*. Durham: Duke University Press, 2021.

POVINELLI, Elizabeth A. Do Rocks Listen? The cultural politics of apprehending Australian aboriginal labor. *American Anthropologist*, v. 97, n. 3, p. 505-518, 1995.

POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologies*: A requiem to late liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

POVINELLI, Elizabeth A. *The cunning of recognition*: Indigenous alterities and the making of Australian multiculturalism. Durham: Duke University Press, 2007.

POVINELLI, Elizabeth A.; EDMUNDS, Rex. A Conversation at Bamayak and Mabaluk, Part of the Coastal Lands of the Emmiyengal People. *L'Internationale Online*, 2 out. 2019. Disponível em: <https://www.internationaleonline.org/research/decolonising_practices/119_a_conversation_at_bamayak_and_mabaluk_part_of_the_coastal_lands_of_the_emmiyengal_people/>.

SILVERSTEIN, Michael. The improvisational performance of culture in realtime discursive practice. In: SAWAYER, R. K. (ed). *Creativity in Performance*. Greenwich, CT: Ablex, 1997. p. 265-312.

STJERNFELT, Frederik. Diagrams as Centerpiece of a Peircean Epistemology. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 36, n. 3, p. 357-384, 2000.